

# E ASSIM SE PASSARAM DEZ ANOS...\*

Lúcia Machado<sup>1</sup>

*Mas não se esqueça: quando falo do passado,  
não sei mais se é recordar ou se é a lembrança de  
lembrança.*

*Assim, as recordações perdem os contornos nítidos e se  
confundem, às vezes,  
com o que pode ser apenas imaginação.*

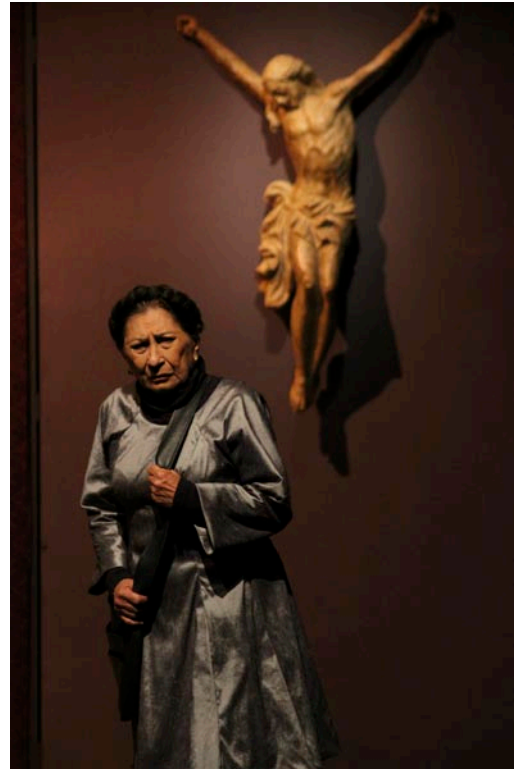
Jorge Andrade, *Labirinto*<sup>2</sup>

Passaram-se 20. Mas a “chama” continua acesa. A mesma que animou a Companhia Teatro de Seraphim, em 1992-93, quando pensou a sua **Trilogia Brasileira** (*As Confrarias*, de Jorge Andrade; *A Morta*, de Oswald de Andrade, e *Senhora dos Afogados*, de Nelson Rodrigues). Projeto que buscava, e busca, construir um painel, ainda que cheio de lacunas, da dramaturgia nacional, a partir das especificidades desses três dramaturgos que pensaram o ser humano e a realidade brasileira, cada um ao seu modo. Um painel em que se evidencia a tentativa de compreender o fruto das ações dos homens e a gesta dos seus antepassados, a partir da emoção e da escolha que fazemos, nós, *seraphins*, e o público, das diversas manifestações simbólicas que formaram o tecido da vida na sociedade brasileira, do sé-

\* Texto publicado inicialmente no programa da peça *As Confrarias*, uma montagem da Companhia Teatro de Seraphim, em junho de 2013, Recife, com a direção de Antonio Cadenegue, tendo Lucia Machado no papel principal (Marta).

<sup>1</sup> Lúcia Machado é atriz, produtora teatral e integrante da Companhia Teatro de Seraphim, em Recife.

<sup>2</sup> ANDRADE, Jorge. *Labirinto*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1988, p. 164.



Lúcia Machado. Foto Laryssa Moura

culo XVIII até hoje. Dessa Trilogia, a Cia. levou à cena, em 1993, *Senhora dos Afogados*, de Nelson Rodrigues, obtendo uma boa repercussão, de público e de crítica, local e regional; nacional e internacional, como se pode depreender da trajetória do espetáculo: temporada regular, no Teatro Barreto Júnior (Recife/1993); participação em festivais, mostras, eventos vários e excursões (III Festival Nacional de Teatro e Dança de João Pessoa/1993; III Festival de Inverno de Garanhuns/1993; XVIII Festival de Inverno de Campina Grande/1993; I Porto Alegre em Cena, Porto Alegre/1994; programa comemorativo do Aniversário da Cidade do Recife/1993, e do Dia Internacional do Teatro, João Pessoa/1994; excursão a Petrolina/1994; a Portugal (Lisboa, Porto e Tondela), Projeto “Cumplicidades” (Mostra de Artes do Nordeste do Brasil em Portugal, promovido pela Fundação Joaquim Nabuco – Brasil – e ACERT e GESTO – Portugal/1994); do “Janeiro de Grandes Espetáculos” (Recife/1996). Realizou, ainda, nova temporada no Teatro Apolo/Recife/2001.

Com a montagem de *As Confrarias* (projeto aprovado pelo Funcultura/2012, de nossa autoria), a Companhia Teatro de Seraphim dá continuidade a esse projeto, importante intervenção na sua linha de investigação, na sua proposta estético-ideológica e no seu compromisso com a cena pernambucana, da qual participa desde 1990, reunindo um grupo de criadores inquietos e compromissados com o teatro pernambucano, no sentido de fazê-lo dialogar com a contemporaneidade. E o faz, por meio de uma dramaturgia de qualidade artística inquestionável, ao mesmo tempo em que retoma o seu ritmo de produção sistemática, que marca a sua história desde a sua fundação.

É, pois, com o prazer de quem vê realizado um “sonho”, um desejo acalentado ao longo de tantos anos, que vimos contar essa história, para nós mesmos, e para você, espectador. Porque, como diz o próprio autor: *A memória pessoal só tem interesse quando deixa de ser de um e passa a ser de todos.* É nossa e é sua.

**- E que história é essa?**

A peça situa-se em fins do século XVIII, focalizando, de um ângulo incomum, a Conspiração



Nilza Lisboa e Carlos Lira. Foto Americo Nunes



Mauro Monezi, Lúcia Machado, Marcelino Dis e Ricardo Angeiras. Foto Laryssa Moura



Lúcia Machado ao centro. Foto Américo Nunes



Lúcia Machado em primeiro plano. Foto Hans von Manteuffel

Mineira. É a fase da decadência e do fim do ciclo do ouro, onde o autor esboça a estrutura da sociedade colonial.

O enredo aborda um tema recorrente da dramaturgia de Jorge Andrade: a morte sem sepultura.

Auxiliada por Quitéria, amante do filho, José, morto por suspeita de conspiração, Marta transporta o corpo numa rede, aparentemente em busca de solo sagrado para enterrá-lo. Em sua via *crucis*, percorre as sedes de quatro Confrarias – a da Ordem Terceira de Nossa Senhora do Monte Carmelo; a do Rosário; a Irmandade de São José e a da Ordem Terceira das Mercês. Em todas elas, estabelece um jogo que ultrapassa a intenção de, simplesmente, enterrar o filho, conseguindo, com isso, desmascará-las e fazê-las expor os seus interesses econômicos, preconceitos, ressentimentos, ódios e ambições.

A cada recusa, sobretudo porque o morto é um “*ímpio, uma face do demônio*”, enfim, um ator, evidencia-se mais intensamente a situação geral da Colônia humilhada pela opressão, o aflorar de novas ideias libertárias vindas da Europa, e o sentido de **celebração das artes cênicas**, também uma mola propulsora da peça.





Ao final, o enterro realiza-se na igreja maior da natureza livre, acompanhado pelas Confrarias amedrontadas, numa clara alusão à ideia de ressurreição, nas palavras de Marta: “*Meus mortos não serão mais inúteis. Devem ajudar os vivos*”.

**- Quem é esse autor, que nos abre o seu/ nosso baú de memórias?**

**Jorge Andrade:** dramaturgo brasileiro (Barretos/SP, 1922; São Paulo/SP, 1984). Filho de fazendeiros, tendo vivido a cultura do meio rural, traz para a sua cena, e para a cena do teatro nacional, as suas observações e vivências desse universo; principalmente, a sua derrocada e a sua forçosa adaptação ao meio urbano, fonte dos embates que pontuam grande parte das suas criações. E isso, desde os seus primeiros “rebentos” vindos à cena: em 1955, *A Moratória*, encenação de Gianni Ratto, pela Companhia de Maria Della Costa; em 1957, *O Telescópio*, encenação de Paulo Francis, pelo Teatro Nacional de Comédia.

**Jorge Andrade chega à metrópole.** Em 1954, conclui sua formação, como dramaturgo, na Escola de Arte Dramática; a partir daí, produz proficuamente. Seus textos ganham a cena brasileira,



Lúcia Machado. Foto Laryssa Moura



Lúcia Machado à frente. Foto Laryssa Moura



Lúcia Machado à frente. Foto Américo Nunes



Alexsandro Marcos+Ivo Barreto e Lúcia Machado no primeiro plano. Foto Hans von Manteuffell

pelas mãos de importantes encenadores, além de conquistarem outros veículos de comunicação e expressão, a exemplo das telenovelas e casos especiais, do cinema: *Os Ossos do Barão* (1973-1974, Globo; 1997, SBT, adaptação de Walter George Durst); *Exercício Findo* (1974, Globo); *O Grito* (1975-1976, Globo); *As Gaivotas* (1979, Tupi); *Dulcineia Vai à Guerra* (1980-1981, Bandeirantes, a partir do capítulo 41); *O Fiel e a Pedra* (1981, Cultura); *O Velho Diplomata* (1981, Cultura); *Memórias do Medo* (1981, Cultura); *Os Adolescentes* (1981-1982, Bandeirantes); *Senhora na Boca do Lixo* (1982, Cultura, adaptação de Arlindo Pereira); *A Escada* (1982, Cultura, adaptação de Antunes Filho); *Ninbo de Serpentes* (1982, Bandeirantes); *Sabor de Mel* (1983, Bandeirantes); *Mulher Diaba* (1983, Bandeirantes). No cinema, *Vereda da Salvação*, roteiro (1964), que se transforma em filme, em 1965, com direção de Anselmo Duarte.

**Jorge Andrade e a realidade brasileira:** a verdade e a poesia; panoramas diversos da vida brasileira ligada à herança cafeeira, posteriormente posta em confronto com temática, época e vida contem-

porâneas. Consciente do seu papel de pintor dessa, ou dessas realidades; do seu papel como criador, testemunha e crítico da realidade brasileira, **Jorge Andrade afirma:**

*Não trato apenas de um fato histórico, conjuntural brasileiro, embora parta especificamente de acontecimentos, de dadas coisas, de fatos históricos brasileiros. Seu sentido, porém, é universal, em favor da liberdade, dos direitos do homem no mundo de hoje. [...] Eu falo do homem no seu sentido histórico. Seja ele um santo, seja um assassino. Seja fascista, seja comunista. Quero no teatro a presença desse homem. Com toda a sua problemática, suas angústias, vivências, suas contradições.*<sup>3</sup>

**O crítico e ensaísta Anatol Rosenfeld pontua:** *No seu conjunto esta obra é única na literatura teatral brasileira. Acrescenta à visão épica da saga nordestina a voz mais dramática do mundo bandeirante. É única, esta obra, pela grandeza de concepção e pela unidade e coerência com que as peças se subordinam ao propósito central, mantido durante longos anos em perseverança apaixonada, de devassar e escavar as próprias origens e as de sua gente, de procurar a própria verdade individual através do conhecimento do*



Lúcia Machado à sua direita Carlos Lira, à sua esquerda Rudimar Constâncio e Marinho Falcão.

Foto Laryssa Moura



Brenda Ligia Miguel, Roberto Brandao e Nilza Lisboa.

Foto Laryssa Moura



Lúcia Machado, Carlos Lira e Nilza Lisboa.

Foto Laryssa Moura

*grupo social de que faz parte e de que, contudo, tende a apartar-se, precisamente mercê da própria procura de um conhecimento mais aguçado e crítico, que situa este grupo na realidade maior da nação.*<sup>4</sup>

**A Produção de Jorge Andrade:** No **Teatro**, deixou peças, efetivamente realizadas, e quinze obras planejadas (projetadas, inacabadas ou reaproveitadas com outro título). **Obras Realizadas:** *O Noviço*, *O Telescópio* (1951); *As Colunas do Templo* (1952); *A Moratória* (1954); *Pedreira das Almas* (1957); *Vereda da Salvação* (1957-1963); *Os Crimes Permitidos* (1958); *A Escada*, *Os Vínculos* (1960); *Os Ossos do Barão* (1962); *O Incêndio* (1962-1978); *Senhora na Boca do Lixo* (1963); *Rasto Atrás* (1966); *A Receita* (1968); *As Confrarias*, *O Sumidouro* (1969); *O Mundo Composto* (1972); *Milagre na Cela*, *A Zebra*, *A Loba* (1978); *Lady Chatterley em Botucatu* (1979); *A Corrente* (1980). Na **Literatura**, produziu: *Labirinto* (1973-1978, romance); *O Grito* (1984, romance não realizado).

**- Que Cia. é essa?**

A Companhia. Teatro de Seraphim, fundada em 1990, vem atuando na cena pernambucana des-

<sup>3</sup> ANDRADE, Jorge. Resistir é preciso. *Isto É*, 15 jun. 1977. Apud SANT'ANNA, Catarina. *Linguagem e Teatro: a Obra de Jorge Andrade*. 2 ed. Prefácio Sábato Magaldi. São Paulo: Editora Perspectiva, 2012, p. 174.

<sup>4</sup> ROSENFELD, Anatol. Visão do Ciclo. In: ANDRADE, Jorge. *Marta, a Árvore e o Relógio*. São Paulo: Perspectiva, 1970. p. 599.



de então, levando aos palcos **autores nacionais** (João Silvério Trevisan – *Heliogábalos & Eu, Em Nome do Desejo, Churchi Blues*; Alcione Araújo – *O Palhaço Nu*; Paulo César Coutinho – *A Lira dos Vinte Anos*; Nelson Rodrigues – *Senhora dos Afogados*; Machado de Assis – *O Alienista*; Luiz Felipe Botelho – *Menino Minotauro*; João Cabral de Melo Neto – *Auto do Frade e Morte e Vida Severina*; Paulo Vieira – *Noite Escura*; Luís Alberto de Abreu – *Lima Barreto, ao Terceiro Dia*; Hermilo Borba Filho – *Sobrados e Mocambos*; Ronaldo Brito – *Retratos de Mãe*; Naum Alves de Souza – *Aurora da Minha Vida*; Benedito Rodrigues – *Meia-Sola*; Maria Adelaide Amaral – *Querida Mamãe*; Luís Augusto Reis – *A Filha do Teatro*); **autores estrangeiros** (Anton Tchekhov – *O Jardim das Cerejeiras*; Arthur Rimbaud – *Uma Estação no Inferno* – performance com textos do autor; Oscar Panizza – *O Concílio do Amor*; Jean Genet – *Encontros com Genet* – trechos de *As Criadas, O Condenado à Morte e O Balcão, Os Biombos*; Samuel Beckett – Leitura dramática de *Ato sem Palavras I, O Improvado de Ohio, Todos os que Caem*).

Recentemente, em obra de referência, Sílvia Fernandes destaca a presença da Companhia Teatro de Seraphim no Recife, pela “valorização da pesquisa, que garante aprofundamento de temas polêmicos, ligados à sexualidade, à loucura e ao racismo, tratados nos espetáculos *Em Nome do Desejo* (1991), de João Silvério Trevisan, e *Os Biombos* (1995), de Jean Genet. Outra vocação do grupo é revisitar clássicos da literatura brasileira, com valorização da palavra e da dramaturgia em *Autos Cabralinos* (1997), que reúne obras do poeta João Cabral de Melo Neto, e *Sobrados & Mocambos* (1998), de Hermilo Borba Filho, baseado no livro de Gilberto Freyre”.<sup>5</sup>

Realizações a que se vêm somar outras, sobretudo as de caráter formativo, a exemplo de: *Oficina de Crítica Teatral* – Fundaj – CTS/1992; *As Máscaras de Dioniso – A Ação Trágica na Grécia Antiga* – FCCR – CTS/1993; *Oficina de Cenografia e Oficina de História do Teatro* – Fundaj – UFPE – CTS/1995; *Oficinas de Teatro Seraphins* – CTS/1997; *Oficina A Construção da Personagem: Análise e Experimentação e Oficina de Montagem* – CTS/2000; *Oficina Iniciação Teatral* – CTS/2005.

Rememorando essa trajetória, na “pegada” de Jorge Andrade, tipo “rasto atrás”, queremos dizer que sempre buscamos oferecer ao público o melhor de nós mesmos e o “historicamente possível”. Que esse público amigo e cúmplice nos acolha, agora, com o mesmo entusiasmo e amorosidade, com que nos viu caminhar nessas *veredas... da salvação*, ou da perdição... Quem há de saber?

<sup>5</sup> FERNANDES, Sílvia. A Encenação. In: FARIA, João Roberto (Direção). *História do Teatro Brasileiro*, vol. 2: do Modernismo às Tendências Contemporâneas. São Paulo: Perspectiva; Edições SESCSP, 2013. p. 366.